

**CARAMBAIA**

---

**Marcel  
Proust**

---

Salões  
de  
Paris

---

Tradução  
**Caroline Fretin de Freitas  
Celina Olga de Souza**

---

Apresentação  
**Guilherme Ignácio  
da Silva**

Nota do editor PROUST JORNALISTA 7	O SALÃO DA CONDESSA POTOCKA <i>Le Figaro</i> , 13 de maio de 1904 63	RAIO DE SOL NA SACADA <i>Le Figaro</i> , 4 de junho de 1912 109	LEMBRANÇA <i>Le Mensuel</i> , setembro de 1891 153
APRESENTAÇÃO Guilherme Ignácio da Silva 9	A CONDESSA DE GUERNE <i>Le Figaro</i> , 7 de maio de 1905 70	IGREJA DE VILAREJO <i>Le Figaro</i> , 3 de setembro de 1912 114	PERFIL DE ARTISTA <i>Revue d'Art Dramatique</i> , janeiro de 1897 156
UM SALÃO HISTÓRICO. O SALÃO DE S. A. I. A PRINCESA MATHILDE <i>Le Figaro</i> , 25 de fevereiro de 1903 25	SENTIMENTOS FILIAIS DE UM PARRICIDA <i>Le Figaro</i> , 1º de fevereiro de 1907 74	FÉRIAS DE PÁScoa <i>Le Figaro</i> , 25 de março de 1913 122	CONTRA A OBSCURIDADE <i>Revue Blanche</i> , 15 de julho de 1896 159
O PÁTIO DOS LILASES E O ATELIÊ DAS ROSAS. O SALÃO DA SRA. MADELEINE LEMAIRE <i>Le Figaro</i> , 11 de maio de 1903 38	DIAS DE LEITURA <i>Le Figaro</i> , 20 de março de 1907 87	FESTA LITERÁRIA EM VERSALHES <i>Le Gaulois</i> , 31 de maio de 1894 130	
O SALÃO DA PRINCESA ÉDMOND DE POLIGNAC. MÚSICA DE HOJE. ECOS DO PASSADO <i>Le Figaro</i> , 6 de setembro de 1903 48	UMA AVÓ <i>Le Figaro</i> , 23 de julho de 1907 95	A MODA <i>Le Mensuel</i> , dezembro de 1890 137	
O SALÃO DA PRINCESA ÉDMOND DE POLIGNAC. MÚSICA DE HOJE. ECOS DO PASSADO <i>Le Figaro</i> , 6 de setembro de 1903 48	GUSTAVE DE BORDA <i>Le Figaro</i> , 26 de dezembro de 1907 100	A MODA <i>Le Mensuel</i> , março de 1891 140	
O SALÃO DA CONDESSA D'HAUSSONVILLE <i>Le Figaro</i> , 4 de janeiro de 1904 55	A CHEGADA DA PRIMAVERA, PILRITTEIROS BRANCOS, PILRITTEIROS COR-DE-ROSA <i>Le Figaro</i> , 21 de março de 1912 102	IMPRESSÕES DOS SALÕES <i>Le Mensuel</i> , maio de 1891 143	
		COISAS NORMANDAS <i>Le Mensuel</i> , setembro de 1891 150	

**UM SALÃO HISTÓRICO**

**O SALÃO DE S. A. I. A PRINCESA MATHILDE<sup>1</sup>**

25 de fevereiro de 1903

Um dia, quando o príncipe Luís Napoleão, hoje general no exército russo, expressava pela centésima vez diante de alguns íntimos, no salão da rua de Berri, seu desejo de ingressar no exército, sua tia, a princesa Mathilde, desolada com essa vocação que lhe roubaria o mais amado de seus sobrinhos, exclamou, dirigindo-se aos presentes:

— Vejam só que obstinação! — Mas, infeliz, só porque tiveste um militar na tua família, isso não é um motivo!...

“Ter um militar na família!” Reconhecemos ser difícil lembrar com menos ênfase seu parentesco com Napoleão I.

O traço mais marcante da fisionomia moral da princesa Mathilde talvez seja, efetivamente, a simplicidade com a qual ela fala de tudo o que diz respeito ao nascimento e à condição social.

— A Revolução Francesa! – escutei-a dizer a uma senhora do *faubourg* Saint-Germain<sup>2</sup>. — Se não fosse ela, eu estaria vendendo laranjas nas ruas de Ajaccio!

Essa humildade orgulhosa e a franqueza, a liberdade quase popular pela qual ela se traduz, dão às palavras da princesa um sabor original e um pouco cru que é delicioso. Nunca me esquecerei daquele tom, espirituoso e brutal,

---

1 S. A. I. Sua Alteza Imperial. [Todas as notas são das tradutoras]

2 *Faubourg* designa partes de uma cidade que ficavam, no passado, fora de suas muralhas. Desde o início do século XVIII, o *faubourg* Saint-Germain se tornou um dos bairros nobres de Paris, abrigando aristocratas e financistas. Hoje é conhecido como o bairro dos ministérios e embaixadas.

com o qual respondeu a uma senhora que lhe fez a seguinte pergunta:

— Vossa Alteza consentiria em dizer-me se as princesas sentem as mesmas emoções que nós, simples burguesas?

— Não sei, senhora – respondeu a princesa. — Não é a mim que deves perguntar isso. Afinal não sou o que sou por direito divino!

Essa rudeza um pouco máscula da princesa se tempera a uma extrema doçura que transborda de seus olhos, de seu sorriso, de toda a sua hospitalidade. Mas por que analisar o charme dessa anfitriã? Prefiro tentar fazê-los sentir isso, mostrando a princesa no momento em que recebe.

Sigam-me até a rua de Berri e não demorem muito, pois lá a reunião não tarda a começar.

Jantamos cedo. Não tanto, talvez, como à época em que Alfred de Musset, pela única vez em sua vida, veio jantar na casa da princesa. Esperamo-lo por uma hora. Quando chegou, estávamos na metade do jantar. Ele estava totalmente bêbado. Não abriu a boca e foi embora ao se levantar da mesa. É a única lembrança que a princesa guardou dele. Ainda hoje é uma das únicas casas de Paris onde se é convidado para jantar às sete e meia.

Após o jantar, a princesa vem se sentar na saleta, em uma grande poltrona que se pode notar à direita quando se vem de fora, ao fundo da sala. Vindo do grande hall, essa poltrona estaria, ao contrário, à esquerda, ficando em frente à porta do pequeno cômodo onde, logo mais, serão servidos os refrescos.

Neste momento os convidados da noite ainda não chegaram. Somente as pessoas que jantaram lá se encontram. Ao lado da princesa, uma ou duas das frequentadoras habituais dos jantares da rua de Berri: a condessa Benedetti, tão espiritualmente linda e tão lindamente espiritual; a srta. Rasponi; a sra. Espinasse, dama de

companhia da princesa; e a sra. Ganderax, mulher universalmente amada e apreciada pelo eminente diretor da *Revue de Paris*.

Seria a *Revue de Paris* que está folheando neste exato momento o sr. Ganderax, na mesa localizada à esquerda da princesa? Um pincenê severo esconde a fina expressão de seus olhos bondosos, e sua longa barba negra é muito majestosa.

Seria a *Revue Britannique*, sua própria revista, que acaba de abrir o sr. Pichot, cujo monóculo está acomodado em uma posição inabalável, testemunhando naquele que o usa a firme vontade de tomar conhecimento de um artigo antes que a festa comece?

Nessa mesma mesa, via-se frequentemente, no momento de descontração que segue o jantar e antecede a recepção, um pequeno ancião que, apesar de muito velho, tem um ar bastante jovem, com suas faces de um frescor infantil, seus cabelos curtos prateados, seus trajés excessivamente cuidados, a cortesia viva de sua maneira atenciosa. Era o conde de Benedetti, pai do atual conde e ex-embaixador da França em Berlim (o mesmo que lá esteve em 1870). Era um homem de uma inteligência genuína, de uma perfeita boa vontade, e cuja morte, ocorrida há dois anos, causou uma profunda tristeza na princesa junto à qual ele vinha passar vários meses todos os anos, seja em Paris ou em Saint-Gratien.

Havia também, naquela época, entre os íntimos da princesa, uma pessoa que raramente vinha à sua residência, mas que divertia a todos por sua simplicidade de espírito – o que não a impedia de ser, de qualquer modo, o melhor ser do mundo. Levada a determinado grau, a ingenuidade torna-se cômica, e a desse amigo da princesa propiciava às pessoas que buscavam a sua companhia conversas, à sua maneira, deliciosas.

— Meu caro – dizia a princesa a um de seus amigos, após o jantar, em uma noite em que nevava –, visto que queres absolutamente partir, leva ao menos um guarda-chuva. Não está mais nevando neste momento, mas pode recomeçar.

— É inútil, não nevará mais, princesa – interrompeu a pessoa em questão, pois intervinha habitualmente. — Não nevará mais.

— Como sabes? – perguntou a princesa.

— Eu sei, princesa, não nevará mais... Não pode mais nevar... Colocaram sal!

Todos sorriram e o amigo disse:

— Adeus, princesa, telefonarei amanhã a Vossa Alteza para saber como estais.

— Ah, o telefone! Que bela invenção! – exclamou o brilhante convidado. — É a mais bela descoberta já feita... – corrigindo-se, temendo ter faltado com a verdade – depois das mesas giratórias, bem entendido!

Eu não sei se esse amável cômico, esse involuntário homem de espírito, um pouco afastado do mundo naquele momento, encontra-se nesta noite na casa da princesa.

Mas no tempo em que ele ali brilhava, que doce alegria transmitia a todos os convidados pelo imprevisto de suas intervenções e pela originalidade de suas reflexões! Vocês precisavam tê-lo ouvido insistir que Flaubert tinha por ele tanta estima que um dia lhe fez a leitura de *Bouvard e Pécuchet*.

A princesa, irritada com tanto disparate, protesta com certa veemência. O confidente de Gustave Flaubert insiste com segurança redobrada:

— Estás enganado!

— Não, tenho certeza! – E, vendo que todos estavam com ar de riso, fez esta concessão: — Ah! É verdade, princesa, confundi-me um pouco. Enganei-me. Leu-me *Bouvard*, disso estou certo. Mas tendes razão, não me leu *Pécuchet*.

Mas já chega de nos atermos a essas lembranças. Nisso a porta do salão da princesa se abre, permanece entreaberta, enquanto a senhora que irá entrar – ninguém sabe ainda quem é – arruma uma última vez seus trajes; os homens deixam as mesas onde folheavam as revistas. A porta se abre: é a princesa Jeanne Bonaparte, acompanhada de seu marido, o marquês de Villeneuve. Todos se levantam.

Quando a princesa Jeanne se aproxima da princesa, esta se levanta e recebe ao mesmo tempo a princesa Jeanne e a duquesa de Treviso, que acaba de entrar com a duquesa de Albufera.

Cada senhora que entra faz uma reverência, beija a mão da princesa, que a faz levantar e a beija, ou devolve a reverência, se não a conhece tão bem.

Eis o sr. Straus, advogado bem conhecido, e a sra. Straus, nascida Halévy, cujo espírito e beleza conferem-lhe um poder de sedução único; o sr. Louis Ganderax, o conde de Turenne, e o sr. Pichot apressam-se à sua volta, enquanto o sr. Straus observa ao seu redor com ar malicioso.

A porta se abre novamente, são o duque e a duquesa de Gramont, em seguida a família bonapartista por excelência, a família de todos os belos títulos do império, a família Rivoli, ou seja: o príncipe e a princesa d'Essling com seus filhos; o príncipe e a princesa Eugène e Joachim Murat, o duque e a duquesa d'Elchingen, o príncipe e a princesa de Moskva.

Eis o sr. Gustave Schlumberger, o sr. Bapst, o sr. e a sra. Du Bos, o conde e a condessa Paul de Pourtalès, o príncipe Giovanni Borghese, um erudito, um filósofo que também é um brilhante conversador; o sr. Bourdeau, o marquês de La Borde, o sr. e a sra. Georges de Porto-Riche.

A saleta já está tão repleta de gente que os antigos frequentadores mostram o caminho do hall onde os menos

íntimos vão admirar, com certa timidez, como colegas sob os olhares do mestre, os tesouros de arte ali reunidos.

As pessoas param diante do retrato do príncipe imperial pintado por Madeleine Lemaire, do retrato da princesa, por Doucet, do retrato da princesa, por Hébert, no qual ela revela tão belos olhos, tão doces pérolas.

Bonnat observa-o com esse olhar bondoso que brilha diante da bela pintura e troca reflexões de especialista com Charles Ephrussi, diretor da *Gazette des Beaux-Arts*, autor do belo livro sobre Albrecht Dürer, mas em um tom tão baixo que as pessoas mal os ouvem.

A princesa não se senta mais. Vai de um a outro, recebendo os recém-chegados, misturando-se a cada grupo, tendo para cada um uma palavra particular, pessoal, que fará com que, mais tarde, ao chegar em casa, cada um acredite ter sido o centro das atenções da noite.

Quando se pensa que esse salão (usamos aqui a palavra “salão” no sentido abstrato, pois materialmente o salão da princesa ficava na rua de Courcelles antes de ser na rua de Berri) foi um dos centros literários da segunda metade do século XIX; que Mérimée, Flaubert, Goncourt, Sainte-Beuve vieram ali todos os dias, com verdadeira intimidade, com uma familiaridade tão completa que a princesa chegava a convidá-los para almoçar de improviso; que eles não tinham segredos literários para com ela e ela não tinha reservas principescas para com eles; que ela lhes prestou favores até o fim – não somente pequenos favores cotidianos (Sainte-Beuve dizia: “Sua casa é uma espécie de ministério das graças”), mas favores de grande repercussão, daqueles que põem fim a perseguições, dissipam preconceitos, facilitam o trabalho, auxiliam no sucesso, adoçam a vida, mudam um destino; não podemos deixar de acreditar que, apesar de tudo, alguns poderes mundanos podem ter uma influência fecunda sobre a história

literária, e que de tais poderes poucas mulheres fizeram tão nobre uso como a princesa.

— A princesa tem o gosto clássico, dizia Sainte-Beuve. Todos os príncipes o têm.

Podemos nos perguntar se Sainte-Beuve não estava enganado e se era próprio a alguém de sensibilidade clássica eleger Flaubert, distinguir Goncourt no momento em que ela o fez – o que a deixava muito avançada em relação ao gosto de seus contemporâneos e ao do próprio Sainte-Beuve.

Mas talvez fosse preciso ver, na sua conduta em relação a eles, antes a fidelidade de uma amiga delicada a dois homens de bom coração do que uma verdadeira predileção pela originalidade de um e pelo talento do outro.

Quantos grandes escritores desconhecidos em sua época deveram somente às suas qualidades de caráter, seu charme social, as amizades preciosas que, retrospectivamente, acreditamos que fossem atribuídas a seus talentos!

Em todo caso, o nome da princesa permanece gravado nas páginas de ouro da literatura francesa. Um volume inteiro de Mérimée, *Lettres à la princesse*; inúmeras cartas de Flaubert; o ensaio *Causeries de Lundi*, de Sainte-Beuve; tantas páginas mais bem-intencionadas que hábeis do *Journal des Goncourt*, dão da princesa uma ideia das mais favoráveis e nobres.

Taine<sup>3</sup>, Renan<sup>4</sup>, quantos outros foram também seus amigos! Ela se desentendeu com Taine no fim de sua vida, após a publicação de seu *Napoléon Bonaparte*. Ele havia lhe dito:

— Vós o lereis e me direis o que pensastes dele.

---

3 Hippolyte Taine (1828-1893), filósofo e historiador francês.

4 Ernest Renan (1823-1892), escritor e filósofo francês.

Ele lhe enviou o texto. A princesa leu essas páginas independentes e terríveis em que Napoleão aparece como uma espécie de mercenário. No dia seguinte, ela enviou seu cartão a Taine, ou melhor, entregou seu cartão na residência da sra. Taine, a quem devia uma visita, com a simples inscrição: “P.P.C.”<sup>5</sup>. Era a sua resposta e significava que ele não deveria mais voltar à sua casa.

Passado algum tempo, ela esbravejou com o escritor que falara tão mal de seu ilustre tio. José-Maria de Heredia, que estava presente, tomou a defesa de Taine com um ardor que decepcionou a princesa, e ela demonstrou isso a ele com certa vivacidade.

— Vossa Alteza vos enganais, disse Heredia. Ela deveria, ao contrário, vendo-me tomar, mesmo contra ela, o partido de um amigo ausente, compreender que se pode, que sobretudo Ela pode, contar com minha fidelidade.

A princesa sorriu e estendeu-lhe afetuosamente a mão.

De resto, um tom de grande liberdade reina entre a princesa e seus amigos, bem registrado no próprio vocabulário, pois a chamam de “princesa”, quando o protocolo exigiria “senhora”. Eles não se furtam a contradizê-la e a resistir-lhe. Assim, ficamos um pouco surpresos ao ler frases de Sainte-Beuve como estas: “Ela e seu irmão – o príncipe Napoleão – são parecidos nisso, se nos permitirmos ser observadores ao escutá-los”.

E por que não nos permitiríamos?

A princesa só tem a ganhar ao ser atentamente observada – e, também, se não tiver, o que importa? *Amicus Plato sed magis amica veritas!*<sup>6</sup>

5 Iniciais da expressão *pour prendre congé*. Quando escrita em um cartão, geralmente de visitas, indica que o remetente está se ausentando por um tempo, desobrigando o destinatário de responder.

6 Platão é amigo, porém a verdade é mais!

Um artista deve servir somente à verdade e não ter nenhum respeito pela posição social. Ele deve simplesmente levá-la em conta em suas pinturas, como princípio de diferenciação, como, por exemplo, a nacionalidade, a raça e o meio. Toda condição social tem seu interesse, e pode ser tão curioso para o artista mostrar os modos de uma rainha como os hábitos de uma costureira.

A princesa desentendeu-se com Taine, com Sainte-Beuve. Há outro acadêmico que, no fim de sua vida, reconciliou-se com ela.

Quero falar do duque de Aumale.

Admiravelmente bem tratada pela família real em 1841, quando retornou à França, a princesa jamais se esqueceria do que lhe devia, e nunca permitiu, em tempo algum, que se dissesse, na sua presença, nada que pudesse ser ofensivo em relação aos Orléans.

Mas o governo do Império não agiu da mesma forma: os bens dos príncipes foram confiscados, apesar da solicitação da princesa Mathilde e da duquesa de Hamilton.

Mais tarde, após um discurso pronunciado pelo príncipe Napoleão, todos se lembraram da carta terrível, admirável, que lhe escreveu o duque de Aumale. Parecia, depois disso, que a princesa não devesse rever jamais o duque de Aumale. Viveram efetivamente afastados um do outro durante longos anos. Depois, o tempo apagou o ressentimento sem diminuir o reconhecimento e certa admiração recíproca que sentiam um pelo outro, essas duas naturezas tão parecidas, dois príncipes fora do comum, que não eram os primeiros somente pelo nascimento, que não eram nem ele tão orleanista nem ela tão bonapartista, e tinham os mesmos amigos, os grandes “intelectuais” da época.

Durante alguns anos, estes repetiram, um para o outro, as palavras gentis que o príncipe dizia da princesa, e ela,



dele. Depois, finalmente, um dia, organizado por Alexandre Dumas Filho, o encontro deu-se no ateliê de Bonnat.

Havia mais de quarenta anos que não se viam. Eram então belos e jovens. Hoje ainda conservavam a beleza, mas não eram mais jovens. Tomados por uma espécie de coquetismo emocionado, ficaram no início longe um do outro, na sombra, um não ousando mostrar ao outro o quanto haviam mudado. Essas nuances foram marcadas, de ambas as partes, com uma exatidão de tom, com um delicado sentimento de medida. Seguiu-se uma verdadeira intimidade, que durou até a morte do príncipe.

A princesa Mathilde, que poderia, se o desejasse, desposar seu primo, o imperador Napoleão, ou seu primo, o filho do imperador da Rússia, casou-se aos 20 anos com o príncipe Demidoff.

Quando ela chegou à Rússia, como princesa Demidoff, o imperador Nicolau, seu tio, que a desejara como nora, lhe disse:

— Jamais lhe perdoarei.

Ele odiava Demidoff, proibiu que pronunciassem seu nome diante dele e quando, de tempos em tempos, vinha de improviso jantar na casa de sua sobrinha, ele nem sequer olhava para seu marido.

Ao vê-la infeliz, disse-lhe:

— Quando precisares de mim, me encontrarás sempre; venhas diretamente a mim.

Ele manteve a palavra; a princesa jamais o esqueceu.

Quando ela retornou à França, como prima do imperador, seu dever mais premente foi escrever ao imperador Nicolau.

Ele lhe respondeu (10 de janeiro de 1853):

“Tive grande prazer, minha querida sobrinha, ao receber tua boa e amável carta. Ela revela sentimentos tão louváveis para ti quanto agradáveis para mim; visto que, seguindo a

tua expressão, a nova fortuna da França veio te procurar, aproveita esses favores que ela te dá; eles não poderiam estar em mãos tão gratas quanto as tuas. Estou encantado de poder ter te dado meu apoio em outros tempos.”

Mas eis que eclode a guerra da Crimeia.

Dividida entre seu patriotismo de princesa francesa e sua gratidão a seu tio e benfeitor, a princesa escreveu ao imperador Nicolau uma carta tocante na qual nem o nacionalismo mais severo encontraria algo a repreender. O imperador respondeu assim (9 de fevereiro de 1854):

“Agradeço-te sinceramente, minha querida sobrinha, os nobres sentimentos que me transmite tua carta. Um coração tal qual o teu não saberia mudar de acordo com as fases móveis da política. Tinha certeza disso; mas, na situação atual, eu deveria sentir uma satisfação particular ao receber boas e amigáveis palavras que me chegam de um país onde, nos últimos tempos, a Rússia e seu soberano não pararam de ser expostos às mais venenosas acusações. Como tu, lamento o fim do bom relacionamento entre a Rússia e a França, que acaba de ocorrer apesar de todos os esforços que fiz a fim de abrir os caminhos para um entendimento amigável. Vendo a ascensão do império na França, me alegrava pensar que o retorno desse regime poderia não acarretar, como uma inevitável consequência, uma luta de rivalidades com a Rússia e um conflito à mão armada entre os dois países. Queira Deus que a tempestade prestes a cair possa ainda se dissipar! Depois de um intervalo de quarenta anos, a Europa estaria destinada a servir, novamente, de palco à retomada dos mesmos dramas sangrentos? Qual seria desta vez o desfecho? Não cabe à previdência humana penetrá-lo. Mas o que posso assegurar-te, minha cara sobrinha, é que, em todas as conjunturas possíveis, não deixarei de ter por ti os sentimentos afetuosos que sempre te dediquei.”

Essas duas cartas não são inéditas. Mas o que é totalmente inédito, e mesmo completamente desconhecido (como de resto tudo o que fez, até aqui, a matéria deste artigo), são alguns detalhes com os quais terminaremos.

A afeição que o imperador Nicolau havia dedicado à princesa Mathilde tornou-se uma tradição na família real, e Nicolau II não deixou de testemunhá-la, mas com a nuance de deferência e de respeito que não o obrigava, embora o aconselhasse sua pouca idade.

Sabe-se que, no decorrer das festas que marcaram a primeira visita do jovem imperador a Paris, houve uma cerimônia no palácio dos Invalides.

A princesa recebeu um convite do governo para comparecer a uma honrosa tribuna; mas ela – tão simples e fazendo tão pouco caso dos privilégios de classe, como vimos – manteve intacta sua altivez napoleônica num momento em que a própria honra dos Napoleão estava em jogo.

Ela respondeu que não tinha nenhuma necessidade de convite para ir ao palácio dos Invalides, uma vez que possuía “suas chaves” e lá iria dessa maneira, a única que convinha à sobrinha de Napoleão, quando desejasse. Se quisessem que assim fosse, ela iria; caso contrário, não.

Mas dizer que ela iria com “suas chaves” implicava a pretensão de dirigir-se ao próprio túmulo de seu tio, que o imperador Nicolau deveria visitar!...

Não ousaram chegar a esse ponto; mas, na manhã do dia em que o imperador deveria rezar diante do túmulo de Napoleão I, um amigo da princesa, o almirante Duperré, acreditamos, correu bem cedo à sua residência para anunciar-lhe que as últimas dificuldades haviam sido superadas, que ela estava autorizada a ir ao palácio dos Invalides “com suas chaves”, como bem quisesse.

A visita deveria ocorrer alguns instantes mais tarde. A princesa só teve tempo de se preparar, levar consigo

uma amiga, que fez, nesse dia, as vezes de dama de companhia (não nos lembramos mais se era a srta. Rasponi ou a viscondessa Benedetti) e, recebida com todas as honras devidas à sua posição, desceu à cripta onde ninguém, além dela e de sua dama de companhia, pôde entrar.

Poucos instantes depois, o czar ali a encontrou, dando-lhe todos os sinais da mais respeitosa afeição.

Estava acompanhado pelo sr. Félix Faure, presidente da República, que foi apresentado à princesa, beijou-lhe a mão e não parou mais, nesse dia e em todos os outros, de dar provas dessa perfeita diplomacia que ele sabia tão bem aliar à mais alta firmeza republicana e ao mais comprovado patriotismo.

*Dominique*